

Apresentação do Livro *Política e Entretenimento* do José Pereira

Tenho muito gosto em estar aqui hoje convosco para apresentar o livro do José Santana Pereira. Conheço o José há mais de dez anos, tendo sido um excelente aluno de Mestrado do ICS e tendo colaborado no Projecto que lançou os estudos eleitorais em Portugal quase desde o seu início. Foi fazer o Doutoramento para o Instituto Europeu de Florença, e no regresso ao ICS, que já ocorreu há alguns anos temos ao longo dos anos trabalhado juntos em vários projectos, seja a nível europeu seja em Portugal. Mais recentemente, trabalhámos numa proposta de reforma do sistema eleitoral. Já sei que trabalhar com o José é sinónimo de rigor e qualidade científica. É um investigador de excelência que sempre se interessou pelo tema dos media e da política, tema aliás que desenvolveu no seu Doutoramento.

Fiquei por isso com muita curiosidade quando o José me contou que estava a preparar um livro sobre o tema da Política e Entretenimento, tanto pelo que conheço do trabalho do José como pelo facto de eu ter um interesse de longa data sobre a personalização da política, tema que está naturalmente relacionado com a mediatização da política a que temos vindo a assistir nos últimos anos nas principais democracias consolidadas.

Parece-me, no entanto, que descobri qualquer coisa sobre o José neste livro que não conhecia antes. Uma sensibilidade a um lado que ele chama divertido da política, e para o qual julgo que a sua passagem por Itália terá muito contribuído. Fica pois o aviso: Este não é livro de lamentações sobre o estado a que chegou a promiscuidade entre a política e os media. A visão do José não é a de que existe uma corrida para ver quem desvaloriza mais o lado ideológico da política e quem é melhor a transformá-la num circo de vaidades em que conta mais “uma candidata engraçadinha” do que uma campanha feita em torno de temas importantes para os cidadãos.

Este livro não partilha pois da visão tão negativa de muitos no nosso país que - sem se debruçar propriamente sobre o tema - chegam logo a conclusões pessimistas. Julgo que esta perspectiva que pelo simples facto de ser imparcial acaba por ser, de alguma forma optimista, é uma grande mais valia do livro. É uma lufada de ar fresco.

É também, um livro que é publicado na altura certa em Portugal. No seguimento de uma eleição Presidencial em que foi eleito pela primeira vez um candidato que se apoiou quase integralmente na televisão ao longo dos últimos anos para construir um perfil de chefe de Estado, e que

se afirmou contra a liderança do seu partido, não há dúvidas que se trata de um tema candente. Eduardo Lourenço disse recentemente que a Televisão é a capital de Portugal. Esta eleição veio dar-lhe razão. A crise que se abateu sobre a comunicação social tem sido bastante assimétrica atingindo com muito mais força os jornais do que a televisão. A par do enfraquecimento dos partidos no terreno, a televisão emergiu como vencedora absoluta da forma de comunicar com os eleitos. E talvez a única.. A proliferação de políticos-comentadores é um testemunho inequívoco dessa tendência, sendo o Professor Marcelo o rei desse grupo, como é evidente. Mas basta pensar nos Primeiros-ministros mais recentes em Portugal para ver que todos eles sem excepção foram destacados comentadores políticos antes de se tornarem líderes partidários. Mais do que uma carreira parlamentar, parece necessário uma cadeira no estúdio televisivo para se aceder ao poder executivo em Portugal.

Este livro cumpre pois inteiramente os objectivos da Coleção de Ensaios da fundação Francisco Manuel dos Santos, que tem como principio dar a conhecer a um público alargado temas importantes para a sociedade portuguesa. Sendo um livro pequeno na medida em que a própria colecção a isso obriga, não deixa de ser um ensaio revelador dos principais resultados de pesquisa em ciência política feito em torno do tema de forma imparcial e rigorosa. E o autor consegue explicar em linguagem muito acessível os resultados de inúmeros estudos que a maioria de nós desconhece, trazendo por isso muita informação para um debate mais esclarecido em Portugal sobre o tema da relação da política com o entretenimento.

O ensaio não é apenas sobre a relação da política com o entretenimento de per si. É sobre muito mais do que isso. É sobre a relação da política com os media de forma mais alargada, e da recente tendência para o envolvimento de políticos em programas de entretenimento. É sobre o tipo de programas de ficção que se dedicam a temas políticos. É sobre a emergência de políticos que se tornam celebridades e de celebridades que se tornam políticos. É sobre a importância da imagem física para o sucesso na política.

Muitos temas que foram bem sintetizados pelo José Santana Pereira e organizados por forma a responder às seguintes questões:

- 1) em que medida tem havido uma apropriação dos temas e conteúdos políticos pelos programas televisivos e pela imprensa de entretenimento, e com que consequências?

- 2) Como e porque é que os líderes partidários se tornaram personalidades com características de celebridades do mundo do espectáculo, e quais as consequências deste fenómeno?
- 3) Até que ponto é que estes dois fenómenos têm vindo a transformar os cidadãos em meros espectadores?

O autor problematiza e reflecte sobre cada um destes temas ao longo de três capítulos sem querer dar respostas inequívocas para cada um deles.

O primeiro capítulo dá conta da diluição das fronteiras entre política e entretenimento, passando em revista os vários formatos de televisão em que isso tem acontecido. A diluição entre política e entretenimento vem de longe, se pensarmos na série *Yes, Minister* ou nas marionetas *Spitting Image*, em Portugal chamado *Contra-Infamação*. Mas a entrada dos políticos em força nos talk shows e programas de entretenimento é talvez mais recente. Como o José bem salienta, não podemos distinguir os efeitos simplesmente entre este tipo de programas – que muitos consideram *light* – e outros de informação política dita tradicional. Lembremo-nos do *The Daily Show*, de Jon Stewart- uma das armas mais potentes dos liberais americanos na política ant-George W. Bush. Era “fake news” como eles próprios diziam, mas era do melhor que havia no debate político americano. Portanto entretenimento nem sempre é sinónimo de superficialidade e desvalorização do político. É claro que talvez o Jon Stewart seja bastante excepcional, e não existem muitos exemplos como os dele. Mas entre nós, destaco o trabalho de Ricardo Araujo Pereira e dos Gato Fedorento neste domínio. Certamente que o sketch deste humorista a fazer de Professor Marcelo na altura do debate sobre o segundo referendo ao aborto contribuiu fortemente para o campo daqueles que eram favoráveis à despenalização da IVG. E o RAP tem tido um papel importante na forma como se interpretam os temas políticos em Portugal. Sempre pela via do entretenimento, e em diversos formatos. O seu posicionamento claramente à esquerda do PS terá também contribuído para uma imagem moderna e atraente desse mesmo eleitorado.

Depois, tal como o José explica, os efeitos do consumo de programas políticos de entretenimento têm de ser vistos á luz do tipo de espectadores que assistem a estes programas. Se a alternativa é não ver nada sobre política, os efeitos poderão ser moderadamente ou até bastante positivos, dependendo também da qualidade do programa. De qualquer forma, é inegável que com estes programas dá-se a conhecer

outros lados mais pessoais dos políticos, criando a figura do “desconhecido-intimo” que tem tanto de apelativo como de ambíguo.

É sobre essa questão que se debruça o capítulo seguinte, isto é, o da relação entre política e celebridades. O livro apresenta o fenómeno em que os políticos se tornam celebridades e os cidadãos são seus fãs. O José dá conta de inúmeros exemplos, a saber o caso de Reagan, Schwarzenegger, Sarkozy, o incontornável Berlusconi, mas também Renzi e Varoufakis. Aqui nota-se que a imparcialidade perante as tendências que se manifestam se torna um pouco mais difícil de sustentar. E o autor concorda que a excessiva exposição dos políticos pode levar a uma política de escândalos com os media à procura deles que pode contribuir para a desconfiança dos cidadãos na política. Mesmo assim, os media podem ser vistos como contribuindo para a monitorização da qualidade da democracia, se por isso entendermos, um pouco à americana, que quem tem vícios privados não pode liderar com virtude a causa pública, uma ideia a que se resistiu tradicionalmente muito na Europa, mas que a força da tecnologia e a mediatização da política tende a reforçar.

Aqui neste ponto, eu seria um pouco mais crítica do que o José na questão dos efeitos benéficos da celebrização da política. Por exemplo, para distinguir entre alguém como Berlusconi e Marcelo Rebelo de Sousa. O primeiro representa para mim o exemplo claro da “celebrização”, enquanto Marcelo, o Professor Marcelo, representa uma personalização mediática da política sem celebrização. Isto porque a celebrização implica, tal como explica muito bem o José uma exposição de um modo de vida glamouroso, em que o mundo da política e o mundo das atrizes, das mulheres muito jovens, do dinheiro e das festas, se cruzam. Aí Berlusconi é o expoente máximo, com as suas festas Bunga Bunga, mas Sarkozy de facto aproxima-se, com os seus múltiplos casamentos com mulheres glamorosas e jovens. Podíamos muito facilmente juntar o Donald Trump a este ramalhete, ou Putin. Este mundo, lamentavelmente, é extremamente misógino. E tem a meu ver consequências muito nefastas para o lugar das mulheres na política. Não sei se neste mundo de celebrização existe lugar para mulheres que não sejam perfeitas do ponto de vista físico e com menos de 30 anos. Julgo que Silvio Berlusconi e a mediatização da política em Itália fez retroceder em décadas a igualdade entre homens e mulheres em Itália, tanto na política como na Televisão.

Já agora, e à luz do que o autor descreve como celebridades políticas, o Professor Marcelo, com toda a sua popularidade, não é nada disto. Seria se andasse a fazer reportagens no iate do Ricardo Salgado de férias no

Brasil, na revista Caras, etc. E não é nada disso que acontece. O Professor Marcelo nunca deixou de ser Professor, e está nos últimos tempos a fazer de avôzinho também. Ao contrário dos outros políticos-celebridades não há absolutamente nenhuma carga da macho alfa na sua imagem.

Estamos perante um fenómeno no mínimo interessante: se como realça o José, diz-se que todos os humoristas parecem ser de esquerda; todos os políticos que são celebridades parecem ser neo-liberais consumistas de artigos e vidas de luxo, com modelos à volta e uma visão do mundo bastante misógina. É isto o político-celebridade tipo? Como se explica tal estereótipo?

Noto aliás, e foi algo que comentei com o José, que este livro não lida quase nada com as questões de género no mundo da política e dos media. Digamos que está implícito que estamos a tratar sobretudo de homens, como mostra a capa do livro. Mas também alguns sub-títulos como “os pecados privados dos homens públicos nas capas dos jornais” ou nos exemplos escolhidos para ilustrar a relação entre política e entretenimento. Sabemos que mesmo nos países onde não existe um Berlusconi, a presença de mulheres no comentário e debate político é bastante escasso. Em que medida é que, de uma perspectiva de género esta mediatização e celebração da política é particularmente prejudicial para as mulheres? Será que há um gender gap neste tema? É outra questão que deixo para o debate.

No último capítulo do livro, o autor reflecte sobre a relação entre política e entretenimento globalmente. Aqui trata-se de saber qual o efeito sobre a qualidade da democracia da diluição das fronteiras entre política e entretenimento. As transformações das últimas décadas, a saber a individualização social e o declínio dos partidos tradicionais tem colocado os media, e sobretudo a televisão, no centro da mediação política. O meio muda a mensagem? As respostas do José Santana Pereira ajudam-nos a perceber que não haverá em muitos casos razão para alarme. Sem contestar isso, gostaria de perguntar ao autor se acharia interessante reflectir um pouco sobre a forma como o online poderá alterar este estado da questão. É que o meio vai mudar e já está a mudar. Se o desenvolvimento da tecnologia explica em parte o declínio dos jornais e dos partidos, e a emergência da televisão como meio de comunicação por excelência, estamos a assistir a uma outra revolução que nos levará para uma crescente dependência da internet para informação política. Sabemos que entre as camadas mais jovens da população há cada vez

menos telespectadores. Que efeitos poderão ter estes desenvolvimentos na relação entre entretenimento e política?

Queria por fim corroborar algo que o José explica no terceiro capítulo. É claro que os efeitos da crescente presença da política no entretenimento pode ser benéfica. Aumenta a informação e é dirigida a um público que talvez à partida não estivesse muito á procura desses conteúdos beneficiando pois disso. Depois ainda há outra coisa. Embora eu não veja quaisquer vantagens na “celebrização” da política de per si, do que sei sobre a personalização da política, sei que esta não é necessariamente tão-pouco um sinal de deterioração do conteúdo ideológico da política. É preciso realçar o facto dos líderes serem importantes para o entretenimento e para as televisões não quer necessariamente dizer que sejam o principal factor explicativo do voto. De facto, na generalidade das democracias parlamentares, os efeitos de líder são relativamente modestos, quando comparados com a ideologia, a identificação partidária, que é muitas vezes anterior ao aparecimento do líder. Isso talvez ajude a explicar porque é que o Professor Marcelo com toda a sua popularidade televisiva, não foi além dos 2.4 milhões de votos enquanto o ainda Presidente conseguiu 2.7 milhões em 2006. Há de facto riscos numa democracia de espectadores..

Tudo depende da forma como se comunica, do nível do debate político, e de um contexto generalizado de informação propício ao debate público. A centralidade dos líderes pode no entanto ser vista como um sinal de aumento da responsabilização do chefe de governo pelas políticas que implementou se se assumir como líder. Além disso, perante a incerteza sobre as necessidades da governação, conhecer os líderes bem ainda pode ser a nossa maior garantia sobre como ele ou ela irão comportar-se em situações difíceis que o país enfrente. Por tudo isto, recomendo vivamente a leitura deste livro, que sem alarmismos reflecte sobre um conjunto de temas fundamentais da política hoje e do que ela poderá vir a ser no futuro.

Marina Costa Lobo, 18 Fevereiro 2016